

## ATUAÇÃO DA PSICOLOGIA NO CONTEXTO DE HOSPITAL MATERNIDADE: uma revisão de literatura

Raimundo Rafael de Araújo e Lucena<sup>1</sup>  
Karoline Paes Lopes<sup>2</sup>  
Maria Eduarda da Paz Loure<sup>3</sup>  
Giselli Lucy Souza Silva<sup>4</sup>

### RESUMO

No contexto hospitalar materno, surgem diversas demandas, das quais se destaca o papel essencial do Psicólogo na assistência às gestantes e puérperas durante o processo de hospitalização. O psicólogo desempenha um papel de ligação crucial entre diferentes áreas de atuação, incluindo enfermagem, medicina, fisioterapia e outras especialidades presentes. Diante disso, o objetivo deste estudo é apresentar uma revisão de literatura que aborda as possibilidades e desafios da atuação do Psicólogo no ambiente hospitalar da maternidade. Este estudo visa compreender o escopo de atuação do Psicólogo diante das demandas que permeiam o ciclo gravídico-puerperal. Essas demandas abrangem a prevenção de complicações obstétricas, a prestação de psicoeducação, o fornecimento de suporte emocional às gestantes e puérperas, o fortalecimento do vínculo mãe-bebê, o tratamento de transtornos mentais relacionados à gestação e a adaptação às mudanças decorrentes desse período. Para alcançar esse objetivo, foi realizada uma busca sistemática de artigos científicos em bases de dados eletrônicos, Scielo e periódicos CAPES utilizando termos de busca específicos, tais como "psicologia", "hospital maternidade", "psicologia perinatal", "gestação", "parto" e "puérperas". Os resultados da pesquisa enfatizam o papel crucial desempenhado pelo Psicólogo na promoção da saúde mental, fornecendo suporte emocional às gestantes, bem como atuando como facilitador na comunicação entre os usuários do serviço e a equipe de saúde.

**Palavras-chave:** Psicologia Hospitalar; Maternidade; Gestantes; Puérperas; Psicologia

### ABSTRACT

In the maternal hospital context, various demands arise, among which the essential role of the psychologist in assisting pregnant and postpartum women during the hospitalization process stands out. The psychologist plays a crucial connecting role between different fields, including nursing, medicine, physiotherapy, and other specialties present. In light of this, the aim of this study is to present a literature review addressing the possibilities and challenges of the psychologist's role in the maternity hospital environment. This study seeks to understand the scope of the psychologist's role in response to the demands that permeate the gravid-puerperal cycle. These demands encompass the prevention of obstetric complications, the provision of psychoeducation, the provision of emotional support to pregnant and postpartum women, the strengthening of the mother-infant bond, the treatment of mental disorders related to pregnancy, and adaptation to the changes arising from this period. To achieve this objective, we conducted

<sup>1</sup> Graduando em psicologia no Centro Universitário UNIFACISA. E-mail: raimundo.lucena@maisunifacisa.com.br.

<sup>2</sup> Graduanda em psicologia no Centro Universitário UNIFACISA. E-mail: karolinepaessl@gmail.com.

<sup>3</sup> Graduanda em psicologia no Centro Universitário UNIFACISA. E-mail: maria.lourenco@maisunifacisa.com.br.

<sup>4</sup> Psicóloga hospitalar e docente do Centro Universitário UNIFACISA. E-mail: giselli.vieira@maisunifacisa.com.br.

a systematic search of scientific articles in electronic databases such as PubMed, Scopus, and PsycINFO, using specific search terms such as "psychology," "maternity hospital," "perinatal psychology," "pregnancy," "childbirth," and "postpartum women." The research results emphasize the crucial role played by the psychologist in promoting mental health, including providing emotional support to pregnant women, as well as their role as facilitators in communication between service users and the healthcare team.

**Keywords:** Psychology; Hospital; Motherhood; Pregnant women; Postpartum women

## 1 INTRODUÇÃO

A Psicologia Hospitalar emerge como uma das primeiras áreas de atuação do Psicólogo no Brasil, ainda durante a década de 1950, a partir do acompanhamento psicológico realizado pela psicóloga Matilde Néder no Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de São Paulo. Já na década de 1970, a Psicologia Hospitalar adentra o campo acadêmico, formalizando os processos de atuação concomitante com os processos de pesquisa (Azevêdo & Crepaldi, 2016). Se solidificando ao longo dos anos subsequentes, a atuação do psicólogo no ambiente hospitalar tem como marco no Brasil o estabelecimento da Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar (SBPH) em 1997, buscando o desenvolvimento dessa classe profissional, culminando no reconhecimento e na regulamentação enquanto uma especialidade da Psicologia pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP), por meio da resolução 014/2000 (CFP, 2019).

Todavia, esse processo foi cercado de questionamentos e (re)orientações da prática desses profissionais, tendo em vista que não se adequaram a uma simples transposição da prática clínica para dentro dos hospitais gerais, marcados por rotinas e demandas específicas, atreladas ao paradigma do modelo biomédico que ainda prevalece dentro desse ambiente (Azevêdo & Crepaldi, 2016). Como estratégia de enfrentamento, e estando a atrelada a Psicologia da Saúde, caracterizada pela junção da Psicologia Clínica com a Psicologia Social, a atuação do psicólogo no hospital moldou-se e contribuiu para a visão biopsicossocial do adoecimento, considerando não apenas a doença, mas o sujeito adoecido, os familiares e os próprios profissionais de saúde (Rodrigues, 2019).

Desse modo, o trabalho do psicólogo dentro das unidades hospitalares abrange uma complexidade de fazeres que demanda uma ampliação do conhecimento teórico e prático. Orientando sua conduta e permitindo a construção de uma identidade profissional

fundamentada em práticas cientificamente reconhecidas. Também emerge a atenção aos eixos estabelecidos pelo CFP por meio do Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas

Públicas (CREPOP) no que se refere à atuação de psicólogas(os) hospitalares em serviços do Sistema Único de Saúde (SUS) (CFP, 2019).

Considerando esta realidade, e realizando um recorte de atuação voltado para as maternidades, a inserção do psicólogo dentro das maternidades compreende a dinâmica biopsicossocial das condições de maternagem e seus riscos, prezando para uma atuação interdisciplinar, que requer do profissional conhecimentos acerca do processo obstétrico, atrelado às suas repercussões psicológicas (Santos & Oliveira, 2018). Assoma-se a esse processo de inserção, a compreensão da dificuldade de identificação da demanda psicológica dentro da maternidade por parte tanto dos profissionais quanto dos usuários do serviço, haja vista que se entende que a maioria "não está doente, apenas grávida" (Arrais, 2013), desconsiderando por vezes, as transformações identitárias vivenciada pelas mulheres durante a maternidade, bem como o processo de enfrentamento que alguns problemas de saúde que podem surgir durante a gestação e pós parto podem causar.

Assim sendo, o presente artigo buscou, por meio de uma revisão de literatura, identificar as possibilidades e desafios da atuação do Psicólogo no ambiente hospitalar da maternidade, enfatizando seus aspectos históricos, a maneira como se dá a atuação desse profissional no referido contexto e a importância dessa prática para a promoção da saúde mental das gestantes, dos bebês, da família e também da equipe de profissionais do ambiente hospitalar.

## 2 MÉTODO

Para a realização deste estudo foi realizada uma revisão de literatura acerca da prática do psicólogo em hospitais maternidade, através da busca sistemática de artigos científicos publicados em dois bancos de dados eletrônicos: Scielo e Periódicos CAPES. Os termos de busca utilizados foram: Psicologia Hospitalar; Maternidade; Gestantes; Puérperas e Psicologia Perinatal. Delimitamos a busca para artigos publicados nos últimos 10 anos, a saber, 2013 a 2023. Foram selecionados artigos publicados em língua portuguesa, que tratassem da relação entre a psicologia e a atuação de psicólogos no contexto hospitalar de maternidade. Desse modo, a busca possibilitou identificar artigos que tratassem da promoção de saúde mental de mães e bebês.

Os artigos foram selecionados por meio da busca por descritores e prévia leitura de resumo, seguida de leitura completa dos que se enquadram nesses dois critérios iniciais. Os critérios de exclusão foram a ausência da combinação de duas ou mais palavras-chave, bem como a falta de profundidade no tema proposto.

A partir dos artigos selecionados, foi realizada uma síntese dos principais achados, enfatizando as áreas de atuação do psicólogo em hospitais maternidade, bem como os benefícios desse exercício profissional para a promoção de saúde mental de mães e bebês. Desse modo, os resultados foram apontados e discutidos ao longo deste trabalho. Para finalizar, foram elaboradas as conclusões que apontam para a importância da atuação do psicólogo nas maternidades.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

De acordo com a revisão de literatura realizada, a atuação da psicologia dentro do hospital, no que se refere não só à maternidade, mas focada nela, ocorre sobretudo de maneira interdisciplinar, tendo em vista a importância e o reconhecimento do papel de toda a equipe de profissionais presente no ambiente do hospital maternidade, prezando pelo bem-estar físico e psicológico das gestantes e puérperas.

Nesse contexto, cabe salientar que há múltiplas perspectivas relacionadas ao processo de hospitalização e suas consequências. A pessoa assistida, gestante ou puérpera, está geralmente focada no sintoma que apresenta, enquanto que os profissionais da equipe de saúde estão atentos ao diagnóstico desse sintoma, já o familiar ou acompanhante está focado na alta e no processo de cura. Diante desse cenário, cabe ao psicólogo reconhecer o papel fundamental de mediação da comunicação de tudo o que engloba esse processo (Simonetti, 2016).

Levando em consideração várias nuances que são encontradas dentro desse espaço, como: despersonalização, medo, dúvida, luto, adaptação e o próprio processo de institucionalização, além dos processos biológicos das mudanças hormonais que envolvem as pacientes, o psicólogo deve ter conhecimentos mínimos de outras áreas, como psicofarmacologia, obstetrícia e enfermagem. Atendendo esses requisitos, esse profissional é levado a assumir uma performance interdisciplinar (Bortoletti; Silva, 2007)

Conforme Simonetti (2016, p. 15) "a Psicologia Hospitalar é o campo de entendimento e tratamento dos aspectos psicológicos em torno do adoecimento", onde é válido saber que a

subjetividade do sujeito vai estar sempre atravessada no processo de adoecimento, sendo de caráter psicossomático ou biológico e é nesse ponto que o psicólogo foca sua atuação. Esse aspecto é evidenciado também no manual de Referências Técnicas para Atuação de Psicólogas(os) nos Serviços Hospitalares do SUS (2019, p. 33):

A Psicologia no hospital objetiva dar voz à subjetividade, aproxima-se do paciente em sofrimento, favorecendo a elaboração simbólica do adoecimento, a travessia do tratamento necessário e trabalhando no sentido de validar sentimentos presentes entrando em contato com as dificuldades do momento que pode parecer insuportável e infinito. Deste modo, a prática clínica psicológica em um contexto como o hospital acontece dirigida ao ser que adocece frente às diversas patologias e os diferentes espaços de atendimento. Onde houver sofrimento e desadaptações, o trabalho da(o) psicóloga(o) incide nos aspectos subjetivos e emocionais do adoecimento, assim como nos possíveis desdobramentos relacionados ao tratamento, recuperação, sequelas, cuidados paliativos e óbito.

A atenção hospitalar difere em muito no que se refere a atuação do psicólogo em outros ambientes, tendo em vista que o foco deste torna-se auxiliar no processo de hospitalização, para que, assim, o usuário do serviço possa aderir ao tratamento necessário diante de sua demanda. A revisão de literatura permitiu identificar algumas das principais áreas de atuação do psicólogo em hospitais maternidade. Segundo a revisão sistemática de Lima e Souza (2019), as áreas mais frequentes de atuação são: suporte emocional às mães e seus familiares, prevenção e tratamento de transtornos mentais pós-parto, apoio à amamentação, preparação para o parto e intervenção em casos de complicações obstétricas.

Baseadas em experiências de estágio de pós-graduação em Psicologia Hospitalar, Arrais e Mourão (2013) sistematizaram uma proposta de atuação em maternidade e Unidade de Tratamento Intensivo Neonatal (UTIN) em decorrência da percepção de que não havia uma referência protocolar para a atuação dentro do espaço da maternidade, depreendendo a necessidade de organizar a prática conforme o que era realizado comumente e enquanto práticas emergentes, levantando um protocolo com onze itens baseados na atividade, sua definição e seu modo de operacionalização.

Assim, o protocolo proposto contemplou as seguintes atividades: (1) a ronda, como uma atividade que irá realizar uma triagem de demanda psicológica com uma breve avaliação psicológica e exame do estado psíquico por meio da escuta ativa e acolhimento; (2) atendimento de apoio individual às gestantes e puérperas, voltado para o acompanhamento das mulheres em que foram identificadas demandas psicológicas; (3) atendimento de familiares e acompanhantes, que visa manejar a relação deles com a equipe e a paciente por meio de

orientação e escuta diferencial; (4) preparação para o trabalho de parto e parto; (5) atendimentos aos bebês na UTIN, visando o estabelecimento do vínculo pais/bebê e estimulação sensorial; (6) atendimento e acompanhamento das famílias com bebês na UTIN; (7) pré-natal psicológico, voltado para o desenvolvimento da parentalidade; (8) atendimento psicológico de apoio a grupos; (9) atendimento psicológico em domicílio, quando identificada a necessidade de estender o atendimento; (10) interconsulta, trabalho interdisciplinar sobre o paciente; e (11) atendimento ao óbito perinatal, a fim de favorecer a elaboração do luto (Arrais; Mourão, 2013).

No relato de experiência Queiroz et al. (2020) é explicitado que a atuação do psicólogo em uma maternidade se referencia a partir do tripé paciente-família-equipe, atendendo a demandas que emergem de cada uma dessas partes e das relações estabelecidas entre elas, buscando estabelecer um auxílio na construção de um lugar materno, na vinculação dos pais com o recém-nascido, no manejo das relações com a equipe de saúde e na aderência das pacientes ao tratamento e à hospitalização, visando reduzir a sintomatologia ansiosa.

Desse modo, a autora ainda aponta que há uma dificuldade de inserção dentro das equipes multidisciplinares e da validação do lugar da psicologia dentro desse espaço, apesar da possibilidade prevista de atuar orientando diferentes equipes quanto ao trato com pacientes, sendo uma “voz ativa” da paciente. No mais, as imitações do espaço físico da maternidade são levantadas como um desafio para os atendimentos em relação ao sigilo e a dificuldade de atendimento de pacientes com transtornos mentais, evidenciando que o ambiente hospitalar da maternidade não foi planejado para atender a essa população, dificultando o acompanhamento e o suporte psicossocial (Queiroz et al., 2020).

Na tentativa de parametrizar intervenções de avaliação psicológica em experiência de estágio Barbosa et al. (2023) desenvolveram a proposta de um roteiro para avaliação dentro de um hospital maternidade com doze itens, tomado como um direcionamento para as intervenções, não posto de maneira inflexível de preenchimento como situação burocrática, mas visando um caminho de focalização das condições subjetivas e identificação de demanda psicológica, de modo que os autores recomendam a aplicação do roteiro junto com a escuta psicológica, estando atento ao acolhimento.

No que tange aos pontos do roteiro, os autores elencaram: a identificação, motivo da hospitalização, situação de saúde, em situação de crise, exame psíquico, sono, sintomas psicossomáticos emergentes, sentido da vida, aspectos atinentes à maternagem e ao cuidado ao

bebê, estratégias de coping utilizadas face à hospitalização, síntese e hipótese diagnóstica. Os autores optaram por utilizar quesitos tanto fechados quanto abertos, a fim de tornar o roteiro capaz de abordar demandas objetivas e subjetivas das pacientes (Barbosa et al., 2023).

Em um estudo exploratório quantitativo com puérperas adolescentes e adultas de um hospital maternidade do Rio Grande do Sul, Costa, Levandowski e Grzybowski (2022) identificaram que as participantes do estudo apresentaram uma maior satisfação durante o período de internação do que no pré-natal e uma queixa maior quanto à falta de um espaço para poderam falar de seus sentimentos, levantando a relevância de se pensar nas demandas psicossociais das gestantes.

É importante destacar que uma das demandas presentes nos serviços de atenção obstétrica é o abortamento na adolescência. Esta condição comumente envolve gravidez não planejada, gravidez de risco e outras complicações gestacionais. Diante do contexto brasileiro, é importante pontuar que a estimativa é de que no Brasil ocorram cerca de um milhão de abortos por ano (Brasil, 2011). Nesse contexto, as demandas advindas dessa temática envolvem a importância de compreender aspectos da subjetividade na fase da adolescência, pois, como aponta Calligaris (2009), o comportamento do adolescente pode apresentar transgressividade e impulsividade diante das exigências morais do pacto social. Tendo isso em vista, fica evidente que a psicologia pode viabilizar uma leitura mais precisa da situação.

Assim, também é importante ressaltar que a realidade social, considerando os imbricamentos entre raça, gênero, classe social, dentre outras particularidades, pode influenciar diretamente na vivência da sexualidade (Menezes; Aquino; 2009). Desse modo, o atendimento psicológico possibilita a criação de uma atmosfera que favorece que as adolescentes expressem os próprios sentimentos diante da situação e ressignifique a vivência (Leal; Castelar; 2019). Isto posto, fica evidente que a presença da psicologia em equipes multidisciplinares possibilita uma assistência acolhedora e fortalecedora diante das vivências.

Outro cenário que envolve uma série de particularidades que necessitam de atenção no atendimento a gestantes diz respeito a portabilidade de doenças infectocontagiosas. No contexto do HIV, os fatores psicossociais atrelados às mulheres soropositivas demandam constantes revisões relacionadas às estratégias de saúde e compreensão da condição

(Bertagnoli; Figueiredo, 2003). Além disso, a feminização da epidemia (Parker; Camargo, 2000) trouxe um impacto social no que se refere as relações de gênero. Sendo assim,

o olhar singular da psicologia diante disso é de fundamental importância para o acolhimento integral da pessoa gestante.

Ainda sobre a complexidade dos diversos contextos, cabe frisar que estudos a respeito das relações entre apoio social e depressão pós-parto em puérperas apontam que a rede de apoio social da gestante no período do pré-natal configura-se como um importante aliado para intervenções psicossociais que visam fortalecimento de recursos de enfrentamento, bem como a diminuição da vulnerabilidade a sintomas depressivos (Alvarenga et al., 2013). Ou seja, ainda que haja participação da gestante em programas psicossociais, a presença da rede de apoio social é imprescindível para a promoção de saúde e prevenção de riscos.

Em se tratando dos contextos de morte perinatal, que engloba o abortamento, o óbito fetal e mortes até o sétimo dia após o nascimento, Camargo (2021), em um estudo de abordagem descritiva que contou com um processo de entrevista de quatro psicólogas hospitalares que lidam com a demanda de morte perinatal, aponta diversas similaridades na atuação das profissionais entrevistadas e as condutas presentes dentro da literatura científica.

Quanto à possibilidade de atuação, é demonstrado que o atendimento ambulatorial individual é o mais comum nos casos de morte perinatal, mas que apresentam diferenças do ponto de vista do tratamento dos demais profissionais de saúde com base no tempo gestacional, muitas vezes invalidando o processo de sofrimento dessa mãe e oferecendo resistência em acionar o serviço de psicologia por entenderem esse processo como rotineiro (Camargo, 2021).

A autora ainda aponta que a possibilidade de atuação em grupos terapêuticos tem muita relevância, sobretudo, como referência em um local de suporte emocional e contato social. Já quando considerada as barreiras e limitações da atuação nesse contexto, as psicólogas entrevistadas apontaram a resistências das equipes de saúde quanto ao entendimento do que poderia ser demanda psicológica, as limitações físicas do ambiente, que colocavam em um mesmo local mulheres em processo gestacional com mulheres passando pelo processo de abortamento ou mesmo enfermarias com recém-nascidos e mulheres em processo de curetagem ou óbito fetal, além de barreiras institucionais e do fim do vínculo terapêutico com o recebimento de alta da paciente (Camargo, 2021).

O luto em decorrência da morte de um feto ou de um recém-nascido, para melhor dimensionar, pode ser empreendido na expressão "luto perinatal" (Iaconelli, 2007). Ainda a respeito da temática, um estudo feito com cinco famílias que passaram pela perda perinatal



identificou que esse processo de luto pode ser ainda mais intenso quando a família não possui apoio social e também profissional (Sousa; Arrais; Iaconelli e Muza; 2013). Além disso, o mesmo estudo avaliou como positiva a realização de intervenção psicológica nessas situações, que possibilita fornecer apoio e compreensão diante de pontos muito importantes, como: valorização do sofrimento da família, desmistificação da morte e reconhecimento da importância da intervenção psicológica, tanto por parte da família, como da própria equipe de saúde.

Perpassar por tais pontos é fundamental, pois é a partir deles que a elaboração de um processo de luto mais saudável será viabilizada. Sendo assim, o mesmo estudo aponta como um dos resultados a identificação de que um dos papéis do psicólogo nesse contexto é de prevenção, como aponta o seguinte trecho: "O papel do psicólogo nesse contexto é de "prevenção" de possíveis psicopatologias relacionadas à vida ou morte do bebê, além de esclarecimento e atenção às fantasias dos pacientes" (Sousa; Arrais; Iaconelli e Muza; 2013).

Partindo para outro contexto, referindo-se de modo mais específico à atuação do psicólogo hospitalar diante da pandemia de COVID-19, Carvalho e Arrais (2022) realizaram um relato de experiência da atuação em um hospital universitário no pré-natal psicológico designado especificamente para gestantes contaminadas com a COVID-19, atendendo em uma equipe multidisciplinar junto à enfermagem e medicina, objetivando compreender as demandas psicológicas e sociais que surgiram no contexto da pandemia e sua associação com demandas já existentes antes do processo pandêmico.

Desse modo, as autoras identificaram que a inclusão das gestantes em grupos de risco, o alto índice de mortalidade de gestantes, as informações falsas, a falta de orientação adequada por equipes médicas, as sequelas físicas do acometimento pela COVID-19, além da preocupação com as condições financeiras ocasionadas pela recessão econômica devido à pandemia, ocasionaram um aumento dos níveis de ansiedade e angústia das gestantes frente à sua própria condição e de seu feto. Nesse sentido, foi apontado a postura continente junto às pacientes e seus familiares, a escuta e o acolhimento como essenciais para a prática do psicólogo, podendo atentar à subjetividade das pacientes no contexto e sensibilizar a equipe de saúde e a família quanto às demandas físicas e emocionais que a gestante estava atravessando, auxiliando no manejo da ansiedade e das incertezas (Carvalho e Arrais, 2022).

Considerando a diversidade de demandas presentes na realidade do ambiente hospitalar, surgiu a necessidade de sistematizar através de diretrizes o modo de atuação do profissional. Tendo em vista essa demanda, o Conselho Regional de Psicologia da 13ª região PB, elaborou um documento para contribuir com a atuação da categoria no estado. Nela, é recomendado que o profissional da Psicologia atue em modalidade individual, grupal, e que também preste serviços aos familiares, acompanhantes e à equipe de saúde (CRP, 2019). Diante disso, cabe ao psicólogo realizar uma série de procedimentos terapêuticos, que envolvem atendimentos socioeducativos, psicoprofilaxia e psicoterápicos, além de procedimentos clínicos como anamnese e desenvolvimento de Projetos Terapêuticos.

Nesse contexto, cabe salientar a importância da realização desses procedimentos que, como aponta Simonetti (2016, p. 24-25):

Ao escutar, o psicólogo “sustenta” a angústia do paciente o tempo suficiente para que ele, o paciente, possa submetê-la ao trabalho de elaboração simbólica. A maioria dos outros profissionais, bem como a família e os amigos, por não suportarem ver o paciente angustiado, não conseguem lhe prestar este serviço e querem logo apagar, negar, destruir ou mesmo encobrir a angústia. Mas a angústia não se resolve, se dissolve em palavras. O psicólogo mantém a angústia do paciente na sua frente para que ele possa falar dela, simboliza-la, dissolvê-la.

Os relatos aqui trazidos destacam a importância do exercício da psicologia no contexto dos hospitais maternidade, atuando na identificação de fatores de risco psicossociais, na promoção do parto humanizado, no suporte emocional a gestantes e familiares, bem como na promoção do vínculo pais-bebê e intervenção em casos de recém-nascidos internados em unidades neonatais.

O que aqui se afirmou até então é de fundamental importância para compreender ao que este trabalho se propõe: compreender a atuação da psicologia no contexto hospitalar. A observação dos artigos trouxe como resultado um destaque para o quanto o exercício desse profissional é pertinente para o contexto e demandas de hospitais-maternidade. Ainda nesse sentido, os relatos de experiência mencionados acima podem ser compreendidos como um complemento para o presente trabalho, pois reforçam a relevância da presença do psicólogo em hospitais maternidade como agente promotor de saúde de gestantes e puérperas.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo viabilizou a identificação de como a discussão a respeito do exercício profissional da psicologia tem reverberado nas produções acadêmicas recentes. A partir dele, fica ainda mais evidente o quanto a abordagem psicoterapêutica pode favorecer o sujeito que passa pelo ciclo gravídico-puerperal. Fica clara, portanto, que assistência psicológica em todas as fases de uma gestação tem um crucial potencial preventivo de riscos, além de ser promotora de bem-estar num processo que abarca uma série de complexidades e é permeado por importantes mudanças.

Ainda, partindo da ideia de que os processos de saúde/doença são complexos e necessitam de uma abordagem que contemple a integralidade dos fenômenos, reforça-se a necessidade de considerar outros fatores, como os determinantes sociais nas análises e investigações no campo da saúde. Gestantes em vulnerabilidade social estão sujeitas a um número maior de estressores e, conseqüentemente a vivenciar, de forma mais intensa, a ansiedade. Em um contexto de poucos recursos sociais e financeiros, a gestação pode ser permeada por sentimentos contraditórios. As condições de pobreza, portanto, impulsionam a construção social da desesperança, a invisibilidade e a exclusão social (inclusive nos serviços de saúde) afetando a futura experiência da maternidade, o cuidado com os filhos e o direito à saúde das mulheres-mães

Diante do exposto, fica evidente a importância da presença do psicólogo no ambiente hospitalar de maternidade, tendo em vista sua contribuição significativa para a promoção da saúde mental de mães e bebês, além de auxílio na prevenção de possíveis complicações obstétricas e do fortalecimento do vínculo mãe-bebê.

#### REFERÊNCIAS

ALVARENGA, P.; PALMA, E. S.; SILVA, L. M. A.; DAZZANI, M. V.. Relações Entre Apoio Social E Depressão Pós-Parto Em Puérperas. **Interação em Psicologia**, v. 17, n. 1, 2013.

ARRAIS, A. R.. Proposta de atuação do psicólogo hospitalar em maternidade e UTI neonatal baseada em uma experiência de estágio. **Revista Psicologia e Saúde**, Campo Grande, v. 5, n. 2, p. 152-164, jul. 2013.

ARRAIS, A. R.; MOURÃO, A. M.; FRAGALLE, B.. O pre-natal psicológico como programa de prevenção à depressão pós-parto. **Saúde e Sociedade**, v. 23, n. 1, p. 251-264, jan. 2014.

ARRAIS, A. R. e MOURAO, M. A.. Proposta de atuação do psicólogo hospitalar em maternidade e UTI neonatal baseada em uma experiência de estágio. **Revista Psicologia e Saúde**, vol. 5, n. 2, p. 152-164, 2013.

AZEVEDO, A. V. S.; CREPALDI, M. A.. A Psicologia no hospital geral: aspectos históricos, conceituais e práticos. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, [S.L.], v. 33, n. 4, p. 573-585, dez. 2016.

BARBOSA, V. R. A.; FERREIRA, A. F. C.; GOMES, A. S.; NETO, J. N.; SOUSA, L. T. M.; SOUSA, M. C. R. G.; LINO, M. R. C.; ARAÚJO, R. C. S.; BONFIM, V. V.; ROSA, V. A. C.. Avaliação Psicológica hospitalar: experiência de parametrização de intervenções assistenciais em maternidade-escola de alto risco. **Arquivos De Ciências Da Saúde Da UNIPAR**, vol. 27, n. 8, p. 4685-4710, 2023.

BERTAGNOLI, M. S. F. F.; FIGUEIREDO, M. A. C.. Gestantes Soropositivas ao HIV: Maternidade, Relações Conjugais E Ações Da Psicologia **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 37, p. 981-994, 2017.

CALLIGARIS, C. A adolescência. São Paulo, SP: **Publifolha**, 2009.

CAMARGO, B.. Atuação da psicóloga hospitalar diante da ocorrência de morte perinatal. **Pretextos**, v. 6, n. 11, 2022.

CARVALHO, A.; ARRAIS, A. R.. Considerações sobre a Psicologia Perinatal em um ambulatório público de pré-natal especializado em gestantes expostas à COVID-19. **Revista Psicologia, Diversidade E Saúde**, v. 1, p. e4388, 2022.

COSTA, E. L. N.; LEVANDOWSKI, D. C.; GRZYBOWSKI, L. S.. **Perfil de Puérperas e Satisfação com Assistência em Saúde Materno-Infantil**. *Revista Psicologia e Saúde*, v. 14, n. 1, jan/mar. 2022, p. 91-105.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Referências técnicas para atuação de psicólogos(os) nos serviços hospitalares do SUS**. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2019. 128 p. Disponível em: [https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2019/11/ServHosp\\_web1.pdf](https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2019/11/ServHosp_web1.pdf). Acesso em: 08 maio 2023.

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA. **SigaPsi**, Psicologia Hospitalar. 2019. Disponível em: [https://crp13.org.br/site/wp-content/uploads/2019/03/sigapsi\\_hospitalar\\_crp13.pdf](https://crp13.org.br/site/wp-content/uploads/2019/03/sigapsi_hospitalar_crp13.pdf). Acesso em: 11 set. 2023.

IACONELLI, V.. Luto Insólito, desmentido e trauma: clínica psicanalítica com mães de bebês. **Revista Latino Americana de Psicopatologia Fundamental**, v. 10, n. 4, p. 614-623, 2007.

LEAL, M. A. R. F.; CASTELAR, M.. Abortamento na Adolescência: Atuação de Psicólogas em Hospitais-Maternidade Públicos de Salvador, Bahia. **Psicologia: Ciência E Profissão**, v. 39, 2019.

MENEZES, G.; AQUINO, E. M, L. Pesquisa sobre o aborto no Brasil: Avanços e desafios para o campo da saúde coletiva. **Cadernos de saúde pública**, v. 25, p. 193-204, 2009.

PARKER, R.; CAMARGO JUNIOR, K. R.. Pobreza e HIV/AIDS: aspectos antropológicos e sociológicos. **Cadernos de Saúde Pública**, [S.L.], v. 16, n. 1, p. 89-102, 2000.

QUEIROZ, G.; LEANDRO, L.; AZEVEDO, A. P. B.; CHERER, E. Q.; CHATELARD, Daniela Scheinkman. A psicologia na maternidade hospitalar: um relato de experiência. **Fractal: Revista de psicologia**, v. 32, n. 1, p. 57-63, 2020.

RENNER, A. M.; AZAMBUJA, C. V.; FORMIGA, L. S.; CAMARGO, J.; GERHARDT, B. C.; ARTECHE, A. X.. Intervenção para mães com depressão pós-parto: protocolos de psicoeducação e treino para reconhecimento de emoção. **Psicologia em pesquisa**, v. 15, e. 30212, p. 1-19, 2021.

RODRIGUES, A. L. (org). **Psicologia da saúde-hospitalar: Abordagem psicossomática**. 1. ed. Barueri: Manole, 2019, 472 p.

SANTOS, V. B. M. A.; OLIVEIRA, L. M. Enfermaria de Obstetrícia. In: BAPTISTA, Makilim Nunes; DIAS, Rosana Righetto; BAPTISTA, Adriana Said Daher. **Psicologia hospitalar: Teoria, aplicações e casos clínicos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2018.

SIMONETTI, A. **Manual de Psicologia Hospitalar: o mapa da doença**. 8. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2016. 200 p.

SOUSA, E. N.; ARRAIS, A. R.; IACONELLI, V.; MUZA, J. C.. Quando a Morte Visita a Maternidade: Atenção Psicológica Durante a Perda Perinatal. **Psicologia (São Paulo, Brazil)**, v. 15, n. 3, p. 34, 2013.

